

A descoberta dos corpos de Gervásio e de Protásio como comparação das assertivas de Ambrósio, bispo de Milão (séc. IV)

The discovery of the bodies of Gervasius and Protasius as comparison of Ambrosius's assertives, fourth century AD

Janira Feliciano Pohlmann*

Resumo: Neste artigo, exploramos um período bastante conturbado na vida de Ambrósio, bispo de Milão. Entre os anos de 385 e 386, este líder religioso milanês afrontou o poder imperial de Valentiniano II, ao negar uma petição imperial, e foi questionado e atacado por defensores do grupo ariano instalado em Milão e apoiado por Justina, mãe do imperador. Em um cenário de incertezas internas e ameaças externas, empreendidas especialmente por Magno Máximo, Ambrósio alcançou importantes sucessos para sua comunidade e reforçou seu papel como líder. Entre os triunfos deste momento, destacamos o descobrimento dos corpos dos mártires Gervásio e Protásio e a consagração da basílica ambrosiana por meio destas relíquias.

Abstract: In this paper we explore a troubled period in the life of Ambrose, bishop of Milan. Between 385 and 386, this milanese religious leader defied the imperial power of Valentinian II – when denied an imperial petition – and he was questioned and attacked by defenders of the arian group living in Milan and supported by Justina, mother of the emperor. In a scenario of internal uncertainties and external threats, especially undertaken by Magnus Maximus, Ambrose achieved important successes to his community and reinforced his role as leader. Among the triumphs of this moment, we emphasize the discovery of the bodies of the martyrs Gervasius and Protasius and the consecration of the *Basilicam Ambrosianam* through these relics.

Palavras-chave:

Legitimação;
Ambrósio, bispo de Milão;
Epístolas;
Gervásio;
Protásio.

Keywords:

Legitimacy;
Ambrose, bishop of Milan;
Letters;
Gervasius;
Protasius.

Recebido em: 13/05/2014
Aprovado em: 15/06/2014

* Doutoranda em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR), sendo orientada pelo Prof. Dr. Renan Frighetto.

Entre os anos de 385 e 386, Ambrósio, bispo de Milão, esteve envolvido em diversos conflitos com as autoridades imperiais. O próprio bispo nos legou alguns dos detalhes destas agitações em quatro *Epístolas* elaboradas na época. A saber, na *Epístola 76* (20, 1-3), Ambrósio relatou à sua irmã, Marcelina, a demanda do partido ariano milanês por uma basílica e a revolta que este pedido havia causado na comunidade. Tal carta foi redigida no ano 385, na época das comemorações de Páscoa.

A *Epístola 75* (21), datada de 386, foi encaminhada por Ambrósio a Valentiniano II para pedir desculpas por não comparecer ao consistório para o qual havia sido convocado a explicar sobre sua fé. Ele alegou que desconhecia o nome das pessoas que o arguiriam e, por isso, temia ser acusado injustamente por juízes judeus, escolha costumeira por parte do ariano Auxêntio (Ambrosius, *Epistolae 75*, 21, 1). Além disso, colocou-se à disposição do imperador para resolver a questão em um sínodo, embora acreditasse que a discussão levantada pelos arianos fosse desmerecedora do esforço de tantos bispos. Para Ambrósio, exames baseados nos argumentos do grupo que apoiava Auxêntio gerariam somente transtornos para os religiosos (Amb., *Ep. 75*, 21, 16). Sob seu ponto de vista, seriam muito tempo e energia gastos de forma inconveniente, uma vez que os princípios *homoeanos* eram falsos e heréticos.

Observamos que o bispo milanês se recusava a dar a palavra a Auxêntio e o acusava de lhe preparar uma armadilha, pois havia omitido os nomes daqueles que lhe acusariam. Auxêntio de *Durostorum* era um cidadão romano colocado, ainda quando criança, aos cuidados de Úlfila, conhecido como o "apóstolo dos godos" por ter difundido o cristianismo ariano entre populações bárbaras. Como seu pai adotivo, Auxêntio compartilhava a fé ariana e, conforme indicação de Mclynn (1994, p. 183), após a morte do "apóstolo dos godos", mudou-se para Milão com o intuito de usufruir do patrocínio aos arianos prestado por Justina, mãe do imperador Valentiniano II. Vale destacar também que o nome original de Auxêntio era *Mercurinus*. Richard Krautheimer (1983, p. 92) alude que, ao instalar-se em Milão, *Mercurinus* teria passado a adotar o nome de Auxentius II. Por sua vez, Mclynn (1994, p. 183) afirma que tal modificação teria ocorrido ainda quando ele era menino, visto que a sonoridade pagã gerada por *Mercurinus* deveria ser apagada por razões táticas.

Assim sendo, mesmo que a solicitação por uma basílica para culto dos arianos tenha sido feita diretamente pela corte imperial a Ambrósio, ela fora suscitada por Auxêntio II. E este foi o nome utilizado por Ambrósio para repudiar tal pedido. Além de

não atender à petição imperial de entregar uma de suas basílicas, o bispo desconsiderou a convocatória para estar diante do imperador. Palavras de respeito foram escritas a Valentiniano II nesta ocasião. A Auxêntio restaram palavras de desprezo e de reprovação desenvolvidas nas *Epístolas 75 (21) e 75a (21a)*, também conhecida como *Sermo Contra Auxentium*, provavelmente redigida em 386. Como o título indica, esta obra foi um sermão edificado contra Auxêntio para negar as ideias *homoeanas* e rechaçar a solicitação de ceder uma das basílicas católicas à celebração dos cultos arianos.¹

Lembremos que Valentiniano II e sua mãe, Justina, eram adeptos da crença *homoeana*, fato que ajudou a amparar a existência de um significativo grupo ariano em uma cidade que tinha como bispo um católico. A reivindicação, rechaçada por Ambrósio, vinha da própria corte imperial. Nesse sermão, Ambrósio reforçava sua ausência no consistório, porque sabia que, ao deixar sua basílica, a perderia. E, conforme sua alegação, ele temia “o Senhor do mundo mais do que um imperador do século” (Amb., *Ep. 75a, 21a, 1*).² Tal desobediência impulsionou situações que geraram o episódio conhecido na historiografia como Conflito das Basílicas, do qual Ambrósio saiu triunfante, pois não abriu mão de nenhuma de suas igrejas.

O último documento acerca destes eventos, a *Epístola 77 (22)*, foi utilizado por Ambrósio para explanar à sua irmã como ele havia sido agraciado por Deus para conseguir sua vitória. Uma conquista que deveria calar seus adversários e colocar um ponto final definitivo nas requisições e questionamentos arianos. Nesta carta, o bispo comunicou a Marcelina onde havia encontrado os corpos dos mártires Protásio e Gervásio e a maneira como estas relíquias foram trasladadas para a Basílica Ambrosiana (*basilicam Ambrosianam*), hoje Basílica de Santo Ambrósio (*Basílica di Sant' Ambrogio*), a qual, apesar das várias reformas, ainda guarda os corpos dos mártires, de Ambrósio, de seu irmão Sático e de Marcelina. Junto aos restos mortais de Sático também estão as relíquias de São Vitor.

¹ Utilizamos a expressão “católica” em conformidade com o Edito de Tessalônica, imposto pelo imperador Teodósio em 380. Neste documento, os cristãos que respeitavam as ideias do Concílio de Nicéia eram chamados de “católicos” (universais) e se diferenciavam dos outros indivíduos tidos como hereges. Optamos por lançar mão do termo encontrado nos documentos, sem qualquer imputação ideológica e religiosa.

² [...] *quia plus Dominum mundi, quam saeculi hujus imperatorem timerem* (Amb., *Ep. 75a, 21a, 1*).

Sob o ponto de vista do líder milanês, Deus o havia inspirado a descobrir as sagradas relíquias. Isto comprovava que as ações ambrosianas, voltadas para a defesa dos ideais da Trindade, eram aprovadas pelo seu Senhor. Tal fato fortalecia a autoridade (*auctoritas*) de Ambrósio e concedia legalidade divina às suas decisões perante sua comunidade e frente ao poder imperial.

Lembremos que tratamos de um período no qual Milão era residência de Valentiniano II e de sua mãe, Justina, ambos simpatizantes das noções arianas. Ambrósio convivia de perto com um poder imperial que buscava acastelar a crença *homoeana* no seio da sociedade milanesa.

Como se os conflitos entre arianos e nicenos já não fossem suficientes para causar desencontros naquela época, observamos que a *pars occidentalis* do Império era governada por dois imperadores, sendo que um deles, Magno Máximo, havia alcançado o *imperium* por meio da usurpação. Segundo Liebeschuetz (2010, p. 14), a mudança de Graciano e de sua corte de Tréveris para Milão causou descontentamentos na Gália e encorajou o exército sediado na Britânia a aclamar Magno Máximo como imperador, em 383, o que gerou uma reação negativa por parte de Graciano, imperador das províncias da Gália. Neste momento, cabia a Valentiniano II o governo da Itália, da Ilíria e da África Proconsular.

A aclamação de Magno Máximo provocou o embate contra Graciano, que, abandonado por sua legião, fugiu e foi morto em *Lugdunum* (atual Lião, França). Apesar do episódio da usurpação, Magno Máximo foi reconhecido como imperador por Teodósio e Valentiniano II até empreender invasão à Itália, ocasião na qual incitou Teodósio a reunir seu exército e a derrotar Máximo nas proximidades de Aquileia, em 388.

Valentiniano II enviou Ambrósio em embaixadas para solicitar a Magno Máximo a devolução do corpo de Graciano e colocar fim às hostilidades entre os imperadores. O bispo prestou conta ao imperador Valentiniano II de sua segunda viagem a Tréveris na *Epístola 30* (24). Ao contrário do que poderíamos supor, o assunto principal desta carta foi a primeira embaixada de Ambrósio e não aquela da qual acabara de regressar. Liebeschuetz (2010, p. 135-136) localiza este último encontro entre o bispo e o usurpador no final do verão de 386, época em que cessaram importantes conflitos entre o líder religioso e o poder imperial de Justina e de Valentiniano II.

Nas primeiras linhas da *Epístola 30* (24, 1), o bispo considerou que Valentiniano II estava tão certo de sua fidelidade na primeira embaixada que nenhum relatório lhe havia sido solicitado. Além disso, como supôs o autor, certamente a missão anterior frente a Magno Máximo havia sido aprovada por Valentiniano. Isto fez com que o imperador exigisse novamente a intervenção ambrosiana, em 386.

No desenrolar deste documento, Ambrósio enfatizou que, como resultado de seu primeiro encontro com Magno Máximo, ele havia conseguido ajustar a paz entre os imperadores, embora desaprovasse as medidas adotadas pelo governante da Gália. Em contrapartida, em sua segunda missão como legado, Ambrósio percebeu que seria impossível negociar com Magno Máximo. Ele pedia a preservação da paz e a devolução do corpo de Graciano. Requisitou que os restos mortais fossem restituídos a Valentiniano como uma promessa das intenções pacíficas de Magno Máximo (Amb., *Ep.* 30, 24, 10).³ Depois de vários pedidos e enfrentamentos, Ambrósio desistiu de negociar e descreveu sua atitude a Valentiniano II por meio da seguinte frase: “Eu o deixei, para ele tratar sozinho dos assuntos” (Amb., *Ep.* 30, 24, 11).⁴

Nesta carta, o bispo descreveu diversas reprovações feitas por ele a Magno Máximo, as quais normalmente eram respondidas com negativas como: “Não fui eu [quem matou *Vallius*]”;⁵ ou “[Quem matou Graciano] foi o meu inimigo” (Amb., *Ep.* 30, 24, 11; 24, 10).⁶ A retórica elaborada nesta carta aludia a um bispo no papel de arguidor e a um imperador como um acusado que procurava se defender, ou que demonstrava saber que suas ações eram errôneas. Observamos, então, Ambrósio no papel de juiz, enquanto a Magno Máximo restava ser o réu.

É provável que tais acusações por parte de Ambrósio nem sequer tenham ocorrido. Todavia, caso tenham acontecido, certamente se desenrolaram de maneira muito mais branda do que a descrita pelo autor. Afinal, ele estava sozinho e na casa do inimigo. Entretanto, em seu relato a Valentiniano II, o bispo se colocou como o portador da verdade e imbuído do papel de lembrar a Magno Máximo que ele era usurpador e que agia erroneamente ao gerar guerras agressivas (Amb., *Ep.* 30, 24, 1; 24, 10). Desta forma, Ambrósio reforçava sua própria importância frente a Valentiniano II,

³ *Habeat Valentinianus imperator vel fratris exuvias pacis tuae obsides* (Amb., *Ep.* 30, 24, 10).

⁴ *Ita tum discessi, ut se tractaturum diceret* (Amb., *Ep.* 30, 24, 11).

⁵ *Non ego* (Amb., *Ep.* 30, 24, 11).

⁶ *Hostem, inquis, meum peremi* (Amb., *Ep.* 30, 24, 10).

evidenciando sua função como legitimador do verdadeiro administrador do *imperium*, um líder no qual o imperador poderia confiar.

Ainda no papel de defensor da verdadeira figura imperial, na última frase da *Epístola 30* (24, 13), Ambrósio solicitou que Valentiniano II se preparasse para enfrentar as futuras ameaças do usurpador: “Aqui está a exposição de minha embaixada. Adeus imperador; e esteja em guarda contra um homem que esconde a guerra sob um invólucro de paz”.⁷ Além de se representar como um apoiador da figura imperial no desfecho desta carta, o autor ainda se distinguiu como um bom conselheiro de Valentiniano II. Assim como havia feito com *Sextus Claudius Petronius Probus*, ao contribuir no Conselho (*Consilium*) deste prefeito do pretório, Ambrósio assumia a missão de orientar o imperador e alertá-lo sobre as intenções inimigas.

Observamos que, mesmo em um contexto em que o grupo ariano era forte e ajudado pela própria família imperial, Valentiniano II recorreu ao niceno Ambrósio, bispo de Milão, para acordar a paz com Magno Máximo. Neste ínterim, notamos que muitas das epístolas ambrosianas poderiam ser tratadas como instrumentos de negociação, de diplomacia e de legitimação do poder de liderança do bispo.

Não conhecemos a data exata das embaixadas de Ambrósio, porém as localizamos entre 383, após a morte de Graciano, e 387, ano no qual Magno Máximo iniciou sua incursão sobre terras italianas, fato que fez Valentiniano II e sua mãe fugirem de Milão. Sabemos, também, que a segunda embaixada ocorreu depois da condenação de Prisciliano e de seus seguidores, comentada no parágrafo 12 da carta. A *Chronicon*, do bispo Idácio de Chaves, data as sentenças contra os priscilianistas no ano de 386. McLynn (1994, p. 217), por sua vez, nos alerta que a sincronização dos eventos do Conflito das Basílicas e das embaixadas de Ambrósio depende da data da execução de Prisciliano; todavia, alguns estudiosos localizam este fato no início de 384, enquanto outros, como Chadwick (1976) e Palanque (1933), em 386.

Se considerarmos que a *Epístola 76* (20, 23) foi escrita na época das comemorações da Páscoa de 385, sugerimos que o primeiro encontro entre Ambrósio e Máximo tenha acontecido entre os anos de 383 e 384, visto que tal incumbência foi comentada pelo bispo nesta carta.

⁷ *Haec est expositio legationis meae. Vale, Imperator; et esto tutior adversus hominem pacis involucro bellum legentem* (Amb., Ep. 30, 24, 13).

Temos como certo que as missões diplomáticas de Ambrósio, em Tréveris, ocorreram em um cenário de incertezas nas relações entre os imperadores da parte ocidental do Império, em um contexto de tumultos entre arianos e nicenos na cidade de Milão.

Um lugar para o culto dos arianos em Milão

Como já mencionado, na *Epístola 76* (20), Ambrósio expôs a Marcelina o pedido do grupo ariano de uma basílica onde pudessem realizar seu culto. Tal solicitação vinha diretamente da corte imperial. Nesta carta, o bispo descreveu o cerco ao qual ele e sua comunidade foram submetidos, ao tentarem proteger sua basílica.

De acordo com Krautheimer (1983, p. 81-88), dentre as igrejas localizadas nas cercanias de Milão, a única que não havia sido fundada por Ambrósio fora a de São Lorenzo. Nem os documentos de autoria do bispo nem os autores coetâneos a ele mencionaram que esta edificação tenha sido fundada ou construída por Ambrósio. Krautheimer (1983, p. 81-88) alude ainda que Ambrósio não mencionou a igreja de São Lorenzo em seus escritos; entretanto, parece se referir a ela com seu nome original: Basílica Portiana. Mclynn (1994, p. 176-179) também defende ser a igreja de São Lorenzo a denominada por Ambrósio como Basílica Portiana. Todavia, reforça que esta identificação repousa em argumentos circunstanciais e inconclusivos.

Notadamente, percebemos que o bispo citou esta basílica na ocasião dos debates do Conflito das Basílicas: “Já não foi a Basílica Portiana, que está do lado de fora dos muros, a que foi exigida, mas a nova basílica, que está no interior das muralhas, que é maior” (Amb., *Ep. 76*, 20, 1).⁸ Tal alegação nos esclarece que a busca por um lugar de culto por parte dos arianos era uma demanda constante, visto que Ambrósio fez questão de salientar que “já não foi a Basílica Portiana” aquela reivindicada pelo grupo rival, mas sim a basílica nova, maior do que a Portiana e localizada dentro da cidade amuralhada, no coração de Milão. Krautheimer (1983, p. 92) aponta que, ao final de 384, Auxêncio havia solicitado a posse da Basílica Portiana, a qual havia sido negada por Ambrósio. E na *Epístola 76* (20), o bispo reforçou que, desta vez, eles exigiram a basílica nova.

⁸ *Nec jam Portiana, hoc est, extramurana basilica petebatur, sed basilica nova, hoc est, intramurana, quae major est* (Amb., *Ep. 76*, 20, 1).

Lembremos que, por mais que seu biógrafo, Paulino de Milão (*Vita Ambrosii*, 6), tenha elaborado um discurso que descrevia a aclamação unânime de Ambrósio por parte de arianos e nicenos, os embates entre estes grupos eram constantes e, especialmente, após a morte de Valentiniano I, em 375, e o fim de sua política de não intervenção em assuntos religiosos, tais enfrentamentos ganharam um novo fôlego. Parte deste contexto, sem dúvida, foi readaptado pelo forte apoio prestado aos arianos por Justina e, conseqüentemente, por seu filho, o imperador Valentiniano II.

Os conflitos por um lugar de culto ariano em Milão alcançaram seu auge nos anos de 385 e 386, com embates retóricos, por intermédio de cartas e sermões, e com investidas corporais que opuseram Ambrósio e sua comunidade aos soldados imperiais.

Em 23 de janeiro de 386, Valentiniano II, com o possível apoio de Teodósio e Arcádio, promulgou uma lei que permitia a reunião de arianos em coligações (*colligendi*).⁹ Como era de se esperar, esta lei fortaleceu a autoridade ariana e legitimou sua petição por um espaço de orações. Quando observamos que uma lei, longe de ser elaborada a partir do plano das ideias, deve vir ao encontro de anseios pulsantes da sociedade, notamos que tal legislação de Valentiniano respondia a uma demanda crescente de um grupo significativo dentro daquele contexto. Talvez pela força e influência demonstradas por este grupo naquela época, ele já não reclamava mais a Basílica Portiana, como fizera em princípio; agora, seus olhos estavam voltados para a basílica nova, localizada dentro dos muros da cidade, ao lado do poder imperial.

Como adiantamos anteriormente, Ambrósio não abriu mão de nenhuma de suas basílicas, relatando na *Epístola* 76 (20, 11; 20, 21), endereçada a Marcelina e escrita pouco depois de sua vitória, que um delas havia sido cercada por soldados, os quais tinham ordem de utilizar a violência para dissipar a população reunida no prédio. Pelas próprias indicações deixadas pelo autor, tal cerco ocorreu na basílica menor, que a historiografia considera ser a Portiana (Amb., *Ep.* 76, 20, 13). O bispo afirmou que,

⁹ *Damus copiam colligendi his, qui secundum ea sentiunt, quae temporibus divae memoriae constanti sacerdotibus convocatis ex omni orbe romano expositaque fide ab his ipsis, qui dissentire noscuntur, ariminensi concilio, constantinopolitano etiam confirmata in aeternum mansura decreta sunt. conveniendi etiam quibus iussimus patescat arbitrium, scituris his, qui sibi tantum existimant colligendi copiam contributam, quod, si turbulentum quippiam contra nostrae tranquillitatis praeceptum faciendum esse temptaverint, ut seditionis auctores pacisque turbatae ecclesiae, etiam maiestatis capite ac sanguine sint supplicia luituri, manente nihilo minus eos supplicio, qui contra hanc dispositionem nostram obreptive aut clanculo supplicare temptaverint* (Codex Theodosianus, 16, 1, 4).

enquanto ele e sua *eclesia* estavam sitiados, salmos eram lidos repetidamente (Amb., *Ep.* 76, 20, 24).

Um dos livros lido foi o de Jonas, do qual Ambrósio destacou a seguinte passagem: “está previsto que os pecadores recuarão/mudarão de ideia” (Amb., *Ep.* 76, 20, 25).¹⁰ Apesar da leitura deste trecho das Escrituras caber no momento de aflição enfrentado por aquela comunidade, nunca saberemos realmente se Ambrósio teria lançado mão exatamente deste fragmento. O fato é que, superado o perigo, o autor destinou parte de seu tempo para relatar à sua irmã aqueles acontecimentos – ou melhor, sua visão sobre o episódio. Dentro da elaboração de seu vitorioso discurso, o excerto de Jonas deu sentido ao parágrafo seguinte da obra ambrosiana, um dos últimos parágrafos desta epístola. Nele, o bispo afirmou que, logo depois da leitura do livro de Jonas, foram trazidas notícias de que o imperador havia ordenado aos soldados que se retirassem da basílica (Amb., *Ep.* 76, 20, 26). Logo, a prece baseada nas palavras de Jonas, conforme informado pelo bispo, indicava a redenção do inimigo, o que, de fato, ocorreu. As palavras selecionadas por Ambrósio, baseadas em Jonas, apontavam a sabedoria das Escrituras e a importância de se confiar naquilo que esta obra indicava.

A *Epístola 76* (20) foi encerrada com a suposta desistência de Valentiniano II em conseguir um espaço para o culto ariano, o que, concomitantemente, fazia o grupo ambrosiano ser bem-sucedido. Notamos a ausência de qualquer ação pública imperial que arrematasse aquela querela. Talvez porque o contexto de insegurança perante a nova ameaça representada por Magno Máximo concentrasse a atenção de Valentiniano; ou porque o reconhecimento do êxito de Ambrósio em encontrar os corpos de dois mártires milaneses tenha servido também como aprovação às atitudes do bispo em defender sua basílica.

Enfim, para seus seguidores e para o próprio bispo, suas orações – fundamentadas em excertos de Jonas ou não – tinham sido atendidas por Deus. Tal evento promoveu ainda mais a autoridade episcopal de Ambrósio e sua utilidade pública (*utilitas publica*) como líder daquela comunidade. Os defensores da fé nicena perceberam, neste episódio, uma exímia vitória de suas crenças, garantida pelo desejo divino e pelos esforços ambrosianos. Observamos que o próprio bispo registrou a

¹⁰ *Liber lectus est, fratres, quo prophetatur quod peccatores in poenitentiam revertantur* (Amb., *Ep.* 76, 20, 25).

importância desta conquista na epístola encaminhada a Marcelina. E, ao longo dos anos, este sucesso foi edificado e recontado por muitos autores cristãos nicensos.

Em sua *Vita Ambrosii* (12, 1; 13), Paulino mencionou as dificuldades impostas por Justina a Ambrósio – tratado nesta passagem, como em tantas outras, como um “santo homem” (*sanctum virum*). Entre os obstáculos impostos, estava a tentativa do grupo ariano de possuir um local para seus encontros, o que ocasionou a situação de sítio de Ambrósio e de sua *eclesia* na Basílica Portiana. Todavia, de acordo com o biógrafo, Deus estava do lado daquela comunidade e concedeu a ela seu triunfo (*ecclesiae suae triumphos*), mesmo contra um exército armado (*exercitus armatus*).

Em algumas poucas linhas de suas *Confissões* (IX, 7, 15), Agostinho aludiu à perseguição (*persequor*) sofrida por Ambrósio por parte de Justina e de seu grupo ariano. E apontou que, naquela circunstância, a *eclesia* estava disposta a morrer por seu bispo.¹¹

Estes dois autores são apenas alguns ecos da tentativa de manter os sucessos nicensos vivos na memória da sociedade e solidificar a santidade de Ambrósio. Iniciativas levadas a cabo já pelo bispo, sujeito das ações e autor do primeiro discurso sobre tais acontecimentos.

A legitimação das ações de Ambrósio por meio da descoberta dos corpos de Gervásio e de Protásio

O “acaso” da história favoreceu ainda mais as celebrações do triunfo de Ambrósio, ao colocar em seu caminho os corpos dos mártires Gervásio e Protásio. E, novamente, as palavras de alegria e de sucesso, que davam conta deste evento, foram assinaladas em uma carta à sua irmã (*Amb., Ep. 77, 22*).

Conforme consideração de Liebeschuetz (2010, p. 135-136), já mencionada, a segunda embaixada de Ambrósio para empreender negociações de paz com Magno Máximo ocorreu no final do verão de 386. McLynn (1994, p. 217) não é tão exato em sua datação, mas confirma que isto ocorreu no segundo semestre de 386.

¹¹ *Non longe coeperat Mediolanensis ecclesia genus hoc consolationis et exhortationis celebrare magno studio fratrum concinentium vocibus et cordibus. nimirum annus erat aut non multo amplius, cum Iustina, Valentiniiani regis pueri mater, hominem tuum Ambrosium persequeretur haeresis suae causa, qua fuerat seducta ab arrianis. excubabat pia plebs in ecclesia, mori parata cum episcopo suo, servo tuo* (Agostinho, *Confissões*, IX, 7, 15).

Entre o fim do sítio a Ambrósio – e de parte de sua comunidade – na Basílica Portiana e sua viagem como legado imperial, o bispo enalteceu ainda mais “suas verdades” e sua crença com o descobrimento dos corpos de Gervásio e de Protásio.

Na carta que encaminhou a Marcelina, ele fez questão de destacar que este presente de Deus à comunidade milanesa foi desprezado pelos arianos (*ariani*). Tal grupo demonstrou não acreditar (*non credant*) no poder sagrado daqueles mártires, e Ambrósio reagiu questionando se este descrédito era fruto do rancor dos arianos contra ele mesmo ou contra aqueles homens santos que possuíam uma fé diferente da dos arianos (Amb., *Ep.* 77, 22, 16; 22, 19). Segundo McLynn (1994, p. 212), toda a construção discursiva organizada por Ambrósio fez de Gervásio e de Protásio “armas legítimas”, que, pela primeira vez desde a lei de janeiro, proporcionaram ao bispo bases para suas negociações com o poder imperial.

Recordemos que o culto aos mártires era um costume tradicional no século IV, um benefício impossível de ser rechaçado por uma cidade que se pretendia admirada. Segundo afirmação de Peter Brown (1982, p. 176), as comunidades cristãs estavam preparadas para revestir indivíduos com poderes sobrenaturais ou com a capacidade de exercer o poder em nome do sobrenatural. Os milagres atribuídos a santos, profetas e mártires uniam e identificavam comunidades cristãs, excluindo destes grupos aqueles que desconfiavam e não criam em tais prodígios. As relíquias destes homens, considerados sagrados, moviam excursões de fiéis às cidades que as conservavam. Desta maneira, o culto ao martírio delineava identidades, cunhava modelos religiosos e líderes que o acastelavam, impulsionando o prestígio das comunidades que resguardavam as relíquias sagradas. Todos estes elementos promoveram readaptações sociais, religiosas, econômicas e políticas entre aquelas sociedades que passaram a aceitar e a abrigar o martírio em seu cotidiano.

Pelas informações analisadas nas obras ambrosianas, apesar de a comunidade milanesa estimar outros mártires naquela época, Gervásio e Protásio seriam os dois primeiros santos genuinamente milaneses que a cidade possuiria (Amb., *Ep.* 77, 22, 7). Certamente, este era um benefício indispensável para Milão e sua corte, uma benfeitoria inegável até mesmo para um imperador adepto à crença ariana.

Se por um lado, esta descoberta agradava às políticas públicas, pois Milão teria mais um local de culto a mártires e de peregrinações; por outro lado, legitimava as palavras e atitudes de Ambrósio e, cada vez mais, o destacava como um líder cristão.

Como ele mesmo expressou: era desnecessário o uso de muitas palavras para explicar aquele acontecimento, afinal, era uma graça de Deus (*Dominus greatiam debet*). Ambrósio apenas teria seguido os sinais e escavado diante do altar de São Félix e São Nabor. Ali encontrou dois corpos, com os ossos intactos e muito sangue. Já nas primeiras linhas da correspondência a Marcelina, o bispo ressaltou que, no dia seguinte, ao trasladar (*translatio*) as relíquias para a Basílica Ambrosiana (*basilicam Ambrosianam*), um cego havia sido curado (Amb., *Ep.* 77, 22, 2). Outras tantas purificações e benefícios conferidos pelos santos creditavam seu poder e a fé por eles anunciada, uma fé que os fez virtuosos e que os levou a uma morte honrosa (Amb. *Ep.* 77, 22, 23).

Vale ressaltar que, quando nos referimos à “descoberta dos corpos dos mártires”, utilizamos expressões do próprio Ambrósio – “*invenimus*” – e noções apontadas por Paulino de Milão – “*revelaverunt*” – e por Agostinho – “*per visum aperuisti*” –, quando estes se referiam ao ocorrido (Amb., *Ep.* 77, 22, 2; Pau. Mil., *V. Amb.*, 14; Ago., *Conf.*, IX, 7, 16).

Segundo o discurso ambrosiano, o favorecimento divino na descoberta dos mártires comprovava o caminho acertado que o grupo de Ambrósio vinha percorrendo. E tal graça sucedera exatamente no momento em que aquela *eclesia* necessitava de grande proteção – *praesidia majora* – (Amb., *Ep.* 77, 22, 10). Pouquíssimo tempo após o fim do episódio do Conflito das Basílicas, Ambrósio comprovou suas “verdades” por meio da graça divina de encontrar relíquias sagradas. Deus estava do seu lado e amparava sua comunidade contra os arianos e as requisições imperiais consideradas, pelo bispo, errôneas, como a de ceder uma basílica católica aos arianos.

Paulino (*V. Amb.*, 15) afirmou que, após esta sucessão de vitórias por parte do bispo, a perseguição imperial contra a *eclesia* ambrosiana começou a diminuir, embora muitos arianos continuassem a acusar Ambrósio de falsificar o poder dos mártires.

No último parágrafo da *Epístola* 77 (22, 23), o autor reiterou o poder dos santos por intermédio de benfeitorias concedidas a muitos fiéis. Em nenhum momento foi feita alusão a qualquer intervenção – positiva ou negativa – por parte de Valentiniano II com relação à descoberta dos corpos dos mártires.

Nesse íterim, voltamos a insistir na necessidade de recordarmos o período perturbador enfrentado pelo poder imperial de Valentiniano II perante a ameaça de Magno Máximo. Após uma trégua, em parte devido ao reconhecimento de Teodósio ao *imperium* de Máximo sobre a Gália, em parte agenciada por Ambrósio em sua primeira

embaixada, os olhos e as armas de Magno Máximo voltaram-se novamente para as terras italianas. Neste cenário de incertezas, mais uma vez Valentiniano II encarregou o bispo de ser seu legado imperial junto ao iminente inimigo. A necessidade de recorrer a Ambrósio como “aquele que agenciaria a paz com seu oponente” significou um expresse reconhecimento da *auctoritas* e da liderança contraídas por aquela figura nos últimos tempos. Talvez esta fosse a mais veemente demonstração pública da aceitação do papel e dos triunfos de Ambrósio por parte do imperador.

Conforme mencionado anteriormente, o bispo ficou insatisfeito com o desfecho de seu segundo encontro na Gália e alertou Valentiniano II dos perigos que estariam por vir. De fato, no ano de 387, Magno Máximo ocupou parte dos territórios italianos, até então sob o *imperium* de Valentiniano II. A empreitada de Máximo fez com que a corte valentiniana fugisse de Milão. Esta invasão à Itália, a elevação do filho de Máximo, Flávio Vítor, a *augustus*, a perseguição de alguns parentes de Teodósio na *Hispania* e, provavelmente, a execução do herético bispo Prisciliano de Ávila impulsionaram a reação de Teodósio contra o usurpador. O enfrentamento final aconteceu na cidade de Aquileia, em 388, culminando com a morte de Máximo e a volta da corte de Valentiniano II a Milão.

No momento em que Ambrósio comemorava *seu achado*, a sociedade milanesa e seus líderes – civis e religiosos – conviviam com a inquietante sombra de Magno Máximo, como uma ameaça externa e quase imediata. No universo interno, a comunidade ambrosiana enfrentava seus inimigos de fé com a exaltação de seus mais novos mártires e com a comprovação de que Deus os amparava.

Que melhor lugar poderia eleger Ambrósio para resguardar estas relíquias sagradas do que a basílica que levava seu nome? Segundo o bispo, aquele era o local que ele havia reservado para si; afinal, o sacerdote deveria descansar onde tinha o costume de fazer sua oferenda à *eclesia* (Amb., *Ep.* 77, 22, 13). Foram necessários dois dias de trabalho para desenterrar os corpos e organizar o processo de traslado (*translatio*) das relíquias. No início da segunda noite, os corpos foram levados para a Basílica de Fausta (*basilicam Faustae*) e, no dia seguinte, enfim, para a Basílica Ambrosiana, então consagrada pelo sangue dos mártires (Amb., *Ep.* 77, 22, 2). Ao morrer, o bispo milanês passou a ocupar seu lugar junto aos santos homens, tanto no mundo físico quanto no discurso religioso cristão ortodoxo. Até hoje, as relíquias de Gervásio e de Protásio ladeiam o corpo de Ambrósio, padroeiro de Milão, na Basílica de

Santo Ambrósio. Neste mesmo edifício estão os restos mortais dos irmãos de Ambrósio, Sático e Marcelina. Por suposto, a basílica tem passado por reconstruções desde o século IV d.C. Todavia, conserva magnificamente, em seu interior, os corpos de alguns santos católicos, entre eles Ambrósio, Gervásio, Protásio, Marcelina e Sático.

A descoberta desses mártires, o discurso elaborado por Ambrósio para enaltecer o ocorrido e as ações empreendidas em torno da escavação dos corpos e de seu traslado para a Basílica Ambrosiana promoveram a *auctoritas* das palavras e das ações do bispo. Concomitantemente, concederam a Milão dois novos mártires e uma basílica consagrada com suas relíquias. Um presságio de Ambrósio havia feito com que ele trouxesse à luz homens santos até então esquecidos, e mesmo desconhecidos para aquela comunidade.

No processo de reconhecimento da santidade daqueles homens, o bispo necessitou ressuscitar e recriar uma memória coletiva, por meio da qual eles seriam identificados como cristãos virtuosos perseguidos por sua fé e, acima de tudo, homens de Milão.

O autor reconhecia que, há muito tempo, Gervásio e Protásio eram desconhecidos pela comunidade e, pela graça divina, novamente seus nomes seriam inscritos entre os mártires católicos (Amb., *Ep.* 77, 22, 7). Para comprovar o martírio, símbolo máximo da salvaguarda da fé nicena, o bispo referiu-se à grande quantidade de sangue observada junto aos corpos. A abundância de sangue no sepulcro representava o triunfo do martírio (Amb., *Ep.* 77, 22, 2; 22, 12)¹². Além disso, a cura de cegos e o exorcismo dos possuídos, milagres ocorridos imediatamente após a descoberta, certificavam a autenticidade daquelas relíquias. O ritual da *translatio* das relíquias e as orações públicas proclamadas durante o evento celebraram visual e socialmente o poder daqueles santos e a liderança ambrosiana. Gestos, símbolos, imagens e palavras faladas elaboravam um amplo discurso compreendido, aceito e propagado pelo público ali presente.

A difusão dos valores e das *verdades* anunciadas naquela ocasião reformulava a memória coletiva e incluía naquela memória social os nomes de Gervásio e de Protásio. E esta proposta de Ambrósio parece ter sido muito bem aceita por aquela comunidade. Na carta que encaminhou a Marcelina, o bispo assegurou que velhos homens (*senes*)

¹² *Sanguine tumulus madet, apparent cruoris triumphalis notae* (Amb., *Ep.* 77, 22, 2).

repetiam que já tinham ouvido falar nos nomes daqueles mártires e que haviam lido seus títulos (Amb., *Ep.* 77, 22, 12).¹³ Por conseguinte, por intermédio do testemunho do próprio autor, notamos que a elaboração por ele sugerida, a aceitação por parte de sua comunidade e a divulgação daquelas ideias ocorreram simultaneamente, ampliando a memória coletiva daquele grupo e enaltecendo a pertença dos mártires àquela comunidade. Fatores que, mais uma vez, uniam e identificavam a *eclesia* de Ambrósio e excluíaam daquele grupo a heresia ariana.¹⁴ Desta forma, as vozes que negavam a importância daquela descoberta deveriam ser silenciadas em nome do bem maior da sociedade e da *verdadeira* crença em Deus.

Percebemos, portanto, uma clara utilização por parte de Ambrósio de sua descoberta, como um instrumento de afirmação dos princípios da fé nicena e de superioridade desta em relação a qualquer outra crença. Esta supremacia era corroborada por Deus e por Jesus Cristo, que mostraram o sepulcro dos mártires ao bispo. *Pari passu*, Ambrósio havia sido o escolhido para trazer novamente à luz aqueles esquecidos homens, fato que o legitimava como um aparelho de Deus para guiar a comunidade milanesa. Sua *auctoritas* ganhara fôlego e seu papel como líder fora evidenciado. Tudo isso o aproximava cada vez mais do círculo imperial e fazia com que sua voz fosse ouvida e discutida em diversas esferas daquela sociedade, não só no universo religioso. Tanto que, pouco tempo depois da consagração da Basílica Ambrosiana pelos mártires, mais uma vez Ambrósio desempenhou a função de legado de Valentiniano II junto a Magno Máximo.

Considerações finais

Conforme observamos nas argumentações expostas neste artigo, o período entre os anos de 385 e 386 foi extremamente conturbado para Ambrósio e sua *eclesia*, diretamente acusados e questionados pelo grupo ariano apoiado por Justina e por seu filho, o imperador Valentiniano II.

Por mais que Paulino de Milão (*V. Amb.*, 6) tenha se esforçado para delinear uma aclamação unânime a Ambrósio por parte de arianos e nicenos, sabemos que os

¹³ *Nunc senes repetunt audisse se aliquando horum martyrum nomina, titulum que legisse* (Amb., *Ep.* 77, 22, 12).

¹⁴ Utilizo a expressão "heresia ariana" para ser fiel aos documentos de Ambrósio: *arianorum haeresis* (Ambrosius, *De fide*, I, 10.). Para mim, não há qualquer intenção pejorativa ou religiosa.

conflitos entre estes grupos eram bastante frequentes. Tais tumultos tiveram seu auge quando os arianos, por meio de uma petição imperial, exigiram que uma das basílicas da comunidade de Ambrósio lhes fosse cedida.

As palavras cuidadosamente selecionadas por Ambrósio procuraram demonstrar como ele e sua comunidade haviam sido fortes, mesmo sem armas, pois contavam com a proteção divina. Seus discursos agregavam a comunidade milanesa sob o credo niceno e identificavam seus indivíduos como verdadeiros fiéis, aqueles que eram agraciados por Deus ao salvaguardar os princípios nicenos. E Ambrósio era a voz daquela comunidade, responsável por dar o tom da reação desarmada; ele esclarecia e esquematizava os benefícios que a “verdadeira” fé concederia àqueles que a acolhessem. Tais elementos o adornavam como um líder, e os eventos sucedidos em 386 legitimavam esta liderança, fato que elevava a influência de suas palavras e de suas ações, majorando sua *auctoritas*.

Os episódios do Conflito das Basílicas e da descoberta dos mártires Gervásio e Protásio foram reelaborados e narrados pelo próprio bispo. Rememorados e recontados também por Agostinho de Hipona, Paulino de Milão, entre outros. Em todos os contextos, passaram a fazer parte da memória coletiva das sociedades que aceitaram estas narrativas e compartilharam os valores cristãos e morais ali contidos. Simultaneamente, a notoriedade de Ambrósio se fortaleceu ainda em seu período e por outros tempos, propagando-se em cada uma das palavras faladas ou escritas que tratavam de seus triunfos. Segundo estas elaborações, nem uma crença errônea nem o poder imperial foram capazes de contornar a determinação do bispo em proteger sua fé e sua *eclesia*.

Uma *eclesia* que, por sinal, estivera junto com Ambrósio no episódio do cerco da Basílica Portiana. Esta união, que congregava líder e liderados, foi extremamente explorada nos documentos do bispo. Observamos que a comunidade esteve unida durante o sítio à basílica, e assim permaneceu para escavar e trasladar as relíquias de Gervásio e de Protásio. Por intermédio do elemento de “união”, Ambrósio dava corpo, voz e potência a seu grupo, ao mesmo tempo em que se inseria nele e fornecia uma identidade própria àquela comunidade. Uma identidade que afastava qualquer indivíduo incentivador das crenças *homoeanas*.

A descoberta dos corpos dos mártires e, talvez mais ainda, os discursos dos triunfos de Ambrósio e suas elaborações identitárias promoveram certa coesão interna

naquela comunidade, situação que agenciava a ordenação social e fazia de Ambrósio uma peça importante na vida pública daquele contexto.

Referências

Documentação textual

AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2011.

AGUSTINUS. *Confessiones*. Disponível em: <www.thelatinlibrary.com/august.html>. Acesso em: 20 jan. 2014.

AMBROSIUS. *Political letters and speeches*. Translated with an introduction and notes by J. Liebeschuetz and Carole Hill. Liverpool: Liverpool University, 2010.

AMBROSIUS. *De fide*. Introducción, traducción y notas de Secundino García. Madrid: Ciudad Nueva, 2009.

AMBROSIUS. *De fide*. Disponível em: <www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_De_Fide_Ad_Gratianum_Augustum_Libri_Quinque_MLT.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2014.

IDACIUS. *Cronicon*. Introducción y comentarios de Julio Campos. Salamanca: Calasancias, 1984.

PAULINUS DE MILÃO. *Vita Ambrosii*. Traduzione di Luca Canali e Carlo Carena. Verona: Fondazione Lorenzo Valla, 1975.

THEODOSII IMPERATORIS CODEX. Disponível em: <www.thelatinlibrary.com/theodosius.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2014.

Obras de apoio

BROWN, P. *Society and the holy in late antiquity*. Los Angeles: University of California, 1982.

CHADWICK, H. *Priscillian of Avila: the occult and the charismatic in the early church*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

KRAUTHEIMER, R. *Three Christian capitals: topography and politics*. Los Angeles: University of California, 1983.

LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. Introduction. In: AMBROSIUS. *Political letters and speeches*. Liverpool: Liverpool University, 2010, p. 01-399.

MCLYNN, N. B. *Ambrose of Milan: church and court in a Christian capital*. Berkeley: University of California, 1994.

PALANQUE, J. *Saint Ambroise et l'empire romain: contribution à l'histoire des rapports de l'église et de l'état à la fin du quatrième siècle*. Paris: Boccard, 1933.